



V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 04 - Ambiente, desenvolvimento e novas ruralidades

A cultura local como alicerce para o desenvolvimento territorial: o caso da lã em Jaguarão-RS



A cultura local como alicerce para o desenvolvimento territorial: o caso da lã em Jaguarão-RS

Eduardo Garcia Souza¹

Flávio Sacco dos Anjos²

O presente trabalho é derivado de pesquisa, ainda em curso, referente à dissertação de mestrado ligada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Pelotas, cujo tema é o estudo sobre estratégias de valorização e preservação da cultura da lã ovina em Jaguarão-RS. A pesquisa caracteriza-se, quanto à natureza de suas variáveis, como uma pesquisa qualitativa dentro do de um estudo de caso realizado por meio de entrevistas, delimitado num município (Jaguarão, RS). A investigação procura compreender como a cultura local pode colaborar na construção do desenvolvimento, consoante vertente de pensamento denominada como desenvolvimento com identidade cultural. Além disso, para compreender a dinâmica local presente no desenvolvimento dessas atividades produtivas, a abordagem do capital social nos dá suporte para interpretar as relações sociais subjacentes aos processos de valorização da lã. As dinâmicas produtivas locais referentes à lã demonstram potencial para expansão e revalorização de um tradicional produto regional. A constante procura pelo artesanato, produto de alto valor agregado, tem demonstrado essa possibilidade, entretanto, é necessária uma ampliação conjunta das demais atividades que compõem essa cadeia de valor, principalmente as atividades meio e a manutenção da criação de ovinos que se encontra fragilizada, pelas dificuldades de encontrar trabalhadores rurais e organizar a cadeia produtiva.

Palavras-chave: desenvolvimento; ovinocultura; lã; associação; cooperativa.

¹ Mestrando em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais (Universidade Federal de Pelotas), admeduardogarcia@gmail.com

² Professor Titular da Universidade Federal de Pelotas, Doutor em Agroecología, Sociología y Estudios Campesinos (Universidad de Córdoba), saccodosanjos@gmail.com.

1. Introdução

A ovinocultura e, notadamente, a produção lanífera tiveram grande destaque na economia do Rio Grande do Sul durante o século XX, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial, onde houve um crescimento significativo das exportações. A valorização da lã promoveu acréscimos em termos de renda para os produtores rurais, os quais expandiram seus rebanhos. Nesse contexto, até meados dos anos 1960, a produção de lã era vista como atividade principal e a de carne uma vocação secundária. Entretanto, no final da década de 1980, com o advento e expansão no uso de tecidos sintéticos, produzidos a custos muito inferiores, houve uma redução significativa no valor da lã, impactando diretamente na demanda de lã ovina e, conseqüentemente, no preço da lã. Estimativas indicam que se reduziu em 80% a produção de lã no município de Jaguarão.

Desde então, a ovinocultura de lã vem sofrendo um processo contínuo de declínio de sua importância econômica e social, sendo atualmente vista como uma atividade secundária dentro da dinâmica das relações produtivas locais. Ainda assim, não se pode desprezar a importância da produção de lã do ponto de vista de ensejar uma série de atividades geradoras de emprego e de renda (entre elas a cardagem, fiação, lavagem e o artesanato). Nesse contexto, não se pode minimizar, também, a importância histórica e cultural de uma atividade plenamente integrada no território, cujo potencial encontra-se subaproveitado na região.

Desse modo, este estudo com enfoque no território de Jaguarão-RS, busca compreender e evidenciar iniciativas que vêm sendo realizadas pelos atores locais no intuito de preservar e qualificar essas atividades. Dentre as iniciativas realizadas no município destacam-se o artesanato (processo de agregação de valor à lã natural) e a produção de lã propriamente dita, conduzida a campo em regime extensivo. Por um lado, as artesãs locais têm se fortalecido através de diversas premiações recebidas por seus trabalhos, dentre eles o *jacquard* (produto exclusivo do município de Jaguarão), os trabalhos em tear e a fiação. Do ponto de vista do produtor rural, a produção de lã é organizada no município através de uma cooperativa de lãs, cujo trabalho consiste em comprar a lã dos produtores associados e revendê-la, além de oferecer aos ovinocultores a possibilidade de adquirir insumos em sua loja veterinária.

Este texto está dividido em outras seis partes, além da introdução. Subseqüentemente comenta-se sobre o conceito de desenvolvimento de forma breve. Na

terceira parte é discutido o desenvolvimento com identidade cultural e o capital social, questões teóricas que dão suporte a esta pesquisa. A metodologia utilizada na investigação é o quarto item apresentado. Após isso, apresenta-se de forma breve a associação dos artesãos, pontuando algumas impressões obtidas até o momento e da mesma forma no que se refere à cooperativa de lãs. Por fim, são expostas algumas considerações sobre o que foi analisado até o momento nesta pesquisa.

2. O desenvolvimento: breve contexto

O desenvolvimento, ainda que com suas particulares diferenças, deriva de uma noção inicial de progresso. Essa perspectiva encontra sua origem, principalmente, na época do Iluminismo e posteriormente com o positivismo de Augusto Comte, colocado como um dos princípios fundamentais que deveriam reger a sociedade. O progresso, era compreendido como um movimento evolucionista, através do crescimento industrial e da ampliação de conhecimentos tecnológicos. De acordo com Bresser Pereira (2014), se, por um lado, o progresso é uma ideia gerada pelo Iluminismo no século XVIII, durante a revolução capitalista ocorrida na França e na Inglaterra, o conceito de desenvolvimento é mais recente, surgindo especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial. Enquanto a ideia do progresso encontra-se associada ao acúmulo de riqueza material e crescimento econômico, a noção de desenvolvimento, surgida no pós II guerra mundial, num contexto de reconstrução de economias destruídas, ergue-se como preocupação com o bem-estar coletivo, direitos e segurança social e políticas de distribuição de renda (MOTA, 2010).

Para Jose Luis Fiori (1998), após a segunda grande guerra, o desenvolvimento diferencia-se do mero crescimento da economia e, passa a ser visto como um processo possível de ser induzido ou acelerado politicamente, por meio de um fator extra mercado, legitimando a possibilidade de políticas públicas intervirem nesse sentido. Nesse sentido, destaca Furtado (2003), o processo de desenvolvimento buscava transformar os países considerados subdesenvolvidos em países modernos, tendo como parâmetro as nações ocidentais.

Na carência de uma perspectiva própria e busca por padrões iguais aos dos países desenvolvidos, as críticas aos modelos de desenvolvimento Ocidental naturalmente começaram a surgir. A ideia de desenvolvimento como mito exposta por Furtado (2013)

deixava clara essa disparidade e a impossibilidade de aplicar os mesmos padrões de consumo para todos os países do planeta.

Atualmente um dos conceitos mais aceitos de desenvolvimento é o cunhado pelo reverenciado prêmio Nobel de economia Amartya Sen. Sen (2010) expõe o paradoxo existente no atual momento da humanidade: ao mesmo tempo em que a produção de alimentos atinge uma enorme escala, antes impensada, milhões de pessoas vivem sob condições de pobreza extrema e fome. Para Sen (2007) o desenvolvimento deve ser interpretado como expansão das liberdades substantivas (saúde, educação, proteção do Estado, etc.), mas também de escolhas que os indivíduos podem realizar. Nesse caso, a liberdade é entendida como a capacidade que o agente social tem de agir, a qual está ligada às oportunidades que os atores sociais têm de manifestar suas vontades, obter condições dignas de vida e ter acesso a serviços de saúde e infraestrutura, por exemplo.

Obviamente que o fator econômico não é descartado nessa visão, no entanto não é o fim da concepção de Sen e sim o meio para atingir melhores condições de vida, e assim promover o aumento das liberdades individuais, uma vez que a pobreza deveria ser vista como um cerceamento das liberdades individuais e não simplesmente de baixa renda. Nesse sentido, o objetivo econômico deve ser um alvo intermediário que está subordinado a finalidade principal que é a vida humana. Nesses termos, o PIB per capita não traduz muito da realidade enfrentada por determinado país, uma vez que diversos outros aspectos se encontram imbricados no conceito de desenvolvimento. Sen (2007), dá o exemplo de países que tem um alto PIB per capita e uma alta taxa de mortalidade, dessa forma, ser muito rico em termos econômicos tradicionais não necessariamente transforma o país em um lugar com alta qualidade de vida. O país pode ser ao mesmo tempo economicamente rico e pobre em qualidade de vida, bem como de oportunidades para as pessoas em geral.

3. Desenvolvimento, identidade cultural e capital social

Alguns pesquisadores do Centro Latino Americano para o Desenvolvimento Rural têm se ocupado desse tema e demonstram em um sentido similar, que através da junção entre cultura local e desenvolvimento é possível combater a pobreza. Para Fonte e Ranaboldo (2007) e Flores (2006), as especificidades locais podem gerar desenvolvimento que permita ampliar as perspectivas de pessoas marginalizadas pelo processo de modernização através da valorização da localidade e das tradições do lugar.

Nesse sentido, surgem formas de pensar um modelo de desenvolvimento centrado nos atores sociais que fazem parte do território, valorizando as pessoas que mantêm vínculos históricos e culturais com o espaço ocupado.

O desenvolvimento por meio da identidade cultural pode aliar a geografia do local à ecologia, à identidade étnica, à história, à arquitetura, às tradições e às festas religiosas, etc. Segundo os autores citados, os produtos dessas regiões oferecem uma gama de oportunidades para redução da pobreza, sobretudo quando o público-alvo é formado por grupos marginalizados (FONTE; RANABOLDO, 2008).

Em suma, esse enfoque busca a elevação em termos de renda mediante a comercialização de mercadorias próprias da cultura local. O desenvolvimento, se dá através do que Milton Santos (1974) descreve como Circuito econômico inferior, ou seja, as formas de produção que não possuem capital intensivo e serviços não modernos, associados às populações mais pobres.

Esse tipo de estratégia de desenvolvimento requer um esforço local, no sentido de se criar essas possibilidades de forma endógena. Para isso, uma importante característica segundo a literatura é a existência de capital social na região (FLORES, 2006). O Capital Social é uma abordagem que procura interpretar o desenvolvimento sob a ótica de seu funcionamento. O mecanismo principal que promove o desenvolvimento, nesse caso, é a solidariedade entre as pessoas e não a competição exacerbada. A capacidade que determinados lugares têm de mobilização social, organização e ajuda mútua são considerados fatores centrais para o desenvolvimento. Um dos aspectos fundamentais em que dessa abordagem está ancorada é a relação entre a economia e as relações sociais. Para Abramovay (2004), a economia não pode ser encarada como uma esfera autônoma da vida social, funcionando apenas como mecanismo de formação de preços, mas sobretudo como estruturas sociais, como produto da interação social. De acordo com Putnam (1993), nessas regiões os cidadãos demonstram engajamento com questões públicas, além de as organizações sociais e políticas não estarem organizadas de forma hierárquica e, sim, horizontal, valorizando a solidariedade e a participação da sociedade, o que segundo o autor explica o fato de encontrarem-se em melhores condições econômicas.

4. Aspectos metodológicos

Esta investigação caracteriza-se, quanto à natureza de suas variáveis, como uma pesquisa qualitativa e foi efetivada através do método conhecido como estudo de caso. Na delimitação do objeto fizemos uso de uma revisão de literatura em periódicos científicos e livros que abordam o tema em questão, com a intenção de reunir informações relevantes para a construção da base teórica do estudo, além de servir para contextualizar e dar suporte à parte empírica da pesquisa. Esta pesquisa busca expor as características da população estudada e estabelecer relações entre variáveis utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Inicialmente, para compreender de forma ampla o objeto de estudo e expandir o entendimento sobre a realidade local, buscou-se identificar a situação da região estudada, no que se refere às iniciativas de atividades econômicas produtivas relacionadas à cultura da lã. Essa etapa se deu através de uma pesquisa exploratória com atores locais, no intuito de “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27) e, nesse sentido, compreender o que de fato deveria ser investigado. Diante desse primeiro contato com a realidade local, foi possível identificar, de forma mais clara e objetiva, a dinâmica local da produção de lã. Essa interpretação preliminar, possibilitou a delimitação do objeto de estudo. Nesse processo, foram identificadas duas grandes frentes de observação, quais sejam, a cooperativa de lãs Mauá e a Associação de artesãos de Jaguarão.

Quanto ao levantamento dos dados, este constituiu-se basicamente de entrevistas em profundidade com diversos atores locais. Foram realizadas 15 entrevistas até o momento, gravadas e transcritas para realização da análise dos dados. As entrevistas transcritas foram analisadas através de análise de conteúdo a fim de verificar a frequência em que as falas dos atores sociais se repetem, concebendo, deste modo, as evidências empíricas através da repetição do discurso do interlocutor. Nesse tipo de análise, leva-se em consideração a presença ou ausência de determinada característica de conteúdo em partes da mensagem, correspondendo a um procedimento intuitivo, porém mais adaptável a questões não previstas anteriormente e à evolução das hipóteses (BARDIN, 2002)

É importante ressaltar que esta pesquisa ainda está em curso e os dados obtidos até o momento estão sendo compilados, analisados e agrupados dentro de categorias analíticas segundo sua importância e conexão com o objeto da dissertação.

5. Associação dos Artesãos

A Associação dos Artesãos de Jaguarão deu início as suas atividades no ano de 2004, composta primeiramente por um grupo de 4 mulheres. Essas mulheres decidiram unir forças para a elaboração de artesanatos, pois viram a oportunidade de fortalecer a prática e organizar-se através de uma associação, para fins de produção e comercialização. Em um primeiro momento, o grupo era composto basicamente por mulheres da terceira idade, as quais, adquiriram esse saber-fazer por meio de suas mães e avós. Atualmente, conta com a entrada de novas integrantes. Muitas ingressaram na associação a partir dos próprios cursos de artesanato ofertados pelas artesãs mais antigas. Essas novas integrantes tornaram-se associadas e viram a oportunidade de utilizar o artesanato como uma ação geradora de trabalho e renda.

Os produtos fabricados pela associação têm como insumo principal a lã ovina, sendo produzidos exclusivamente de forma manual, sem quaisquer processos industriais, utilizando coloração natural da lã e técnicas para agregar valor às peças (em especial o *jacquard*³), que são consideradas como um diferencial para a comercialização. Dentre as peças, são confeccionados artigos de vestuário que vão desde ponchos, boinas, casacos, blusões, entre outros. No que diz respeito à comercialização dos produtos, a divulgação dos acontece essencialmente por meio da “boca a boca” e na internet via redes sociais. Além disso, as artesãs participam de exposições e feiras, tanto na cidade como fora. Tais participações deram visibilidade para artesanatos produzidos na região, haja vista que a beleza dos produtos rendeu diversas premiações nas feiras das quais participam.

Os grupos de artesãos têm visto seu trabalho ser valorizado e reconhecido nos últimos anos, fruto de um processo de longa data cultivado há várias gerações. Destaca-se o trabalho da EMATER, que leva os trabalhos para feiras e exposições. Esses produtos permitem a geração de renda e melhorias nas condições de vida das famílias que utilizam o artesanato como complemento do orçamento familiar. No entanto,

³ Técnica que utiliza mais de uma cor de fio para produzir gráficos e desenhos nas peças.

persistem alguns problemas no que diz respeito à preservação desses saberes. O fato é que muitas dessas mulheres encontram-se em idade avançada e a continuidade pode estar ameaçada pela potencial ausência de sucessão. Há também o problema da falta de mão de obra nos processos intermediários, como a cardagem, a lavagem e a fiação, que requerem força e domínio prático. Além disso, essa atividade laboral parece não despertar o interesse dos jovens, o que ameaça a manutenção não somente do artesanato, mas do conjunto de operações que a ela estão conectadas.

6. A Cooperativa de lãs

Fundada em 21 de abril de 1952, a Cooperativa de Lãs foi criada com a finalidade de agrupar produtores de lã. Esses produtores são responsáveis por entregar a lã em bruto, a qual é classificada pela cooperativa de acordo com seu tipo e enfardada para posterior comercialização. Além da classificação de lã, anexa à cooperativa, ainda funciona uma loja que comercializa produtos veterinários (rações, remédios, insumos, etc.) e materiais para serviços rurais. Dessa forma, a organização não se limita exclusivamente à via de comercialização da lã, mas à venda de alguns artigos ligados à esfera da produção.

Inicialmente a lã produzida no local tinha como destino diversos países como: Alemanha, Holanda e Nova Zelândia. Atualmente, grande parte da lã da cooperativa é restrita ao abastecimento interno, tendo apenas uma indústria compradora como principal canal de vendas. Essa indústria compradora subsidia a organização para compra de lã por meio de pagamentos antecipados.

Dificuldades organizacionais impedem o consenso e a cooperação entre os atores envolvidos. A falta de um sentimento de pertencimento dos cooperados, por não se perceberem donos da organização, também dificulta a manutenção dessas atividades e o engajamento entre eles.

Um dos grandes problemas enfrentados é a atuação de atravessadores que desviam a produção que deveria ser dirigida exclusivamente à cooperativa. Os produtores, por não receberem o pagamento à vista pelo produto entregue à cooperativa, acabam vendendo para intermediários que oferecem esse pagamento imediatamente. Esse comportamento que visa a obtenção rápida de um retorno, por parte do produtor, impede a compra de grandes quantidades de lã por parte da instituição e fragiliza os vínculos com e entre os próprios produtores rurais.

Com uma dinâmica diferente do artesanato, por se tratar de uma *commodity*, também fica refém das oscilações do mercado da lã. Apesar de tentativas de agregação de valor com a produção do fio de lã já terem acontecido, atualmente apenas a venda da lã em bruto e a quase que exclusividade de venda para um único comprador comprometem as possibilidades da cooperativa. Em termos patrimoniais, prédios antes pertencentes a organização, foram vendidos para o pagamento de dívidas. Membros egressos comentam a visível decadência em que se encontra a organização perante um passado onde visivelmente se desfrutava de melhores condições e perspectivas.

7. Considerações finais

Os resultados obtidos durante a pesquisa ainda são preliminares e demandam uma análise mais profunda do conteúdo coletado por meio das entrevistas. Contudo, as dinâmicas produtivas locais referentes à lã de ovelhas demonstram grande potencial para expansão e revalorização de um tradicional produto do município. A constante procura pelo artesanato tem demonstrado essa possibilidade, entretanto, é necessária uma ampliação conjunta das demais atividades que compõem essa cadeia de valor, principalmente as atividades meio e a manutenção da criação de ovinos que se encontra fragilizada, pelas dificuldades de encontrar trabalhadores rurais. Além disso, a venda de lã que já atingiu mercados externos, hoje restringe-se ao abastecimento interno com volume muito reduzido em relação ao passado. Também as dificuldades no manejo, na mão de obra e o grande número de abigeatos no município são fatores adicionais que têm desestimulado a criação de ovinos.

Outro aspecto que cobra importância é a atuação do poder público (União, Estado e município) na medida em que demonstra um escasso interesse em termos de políticas de valorização da identidade cultural diante da importância de uma atividade secular na região em questão. Esse quadro contraria a tendência geral verificada nas agências de fomento, em nível mundial, sobretudo no âmbito europeu, que lutam contra o esvaziamento da herança identitária e da matriz cultural dos povos que habitam o planeta. Houve uma incipiente iniciativa de organização, partindo da esfera pública, na tentativa transformar o artesanato em lã em patrimônio material. No entanto, alguns problemas burocráticos e, a falta de um grupo local responsável pelo empreendimento dessa iniciativa, não permitiram levar adiante essa ação. Contudo, há ainda alguma expectativa por parte dos artesãos nessa possibilidade e na criação de um selo de

qualidade gerado por meio desse processo, o que resultaria, de acordo com a visão dos atores locais, na valorização de seus produtos e na própria cultura municipal.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Entre Deus e o diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais. São Paulo: Tempo Social, v. 16, n. 2, 2004.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Desenvolvimento, progresso e crescimento econômico. Lua Nova, n. 93, 2014.

FIORI, José Luis. O capitalismo e suas vias de desenvolvimento. Desorganizando o consenso. Ed. Vozes 1998.

FLORES, M. A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento – uma visão do estado da arte. Santiago: RIMISP, 2006.

FONTE, M. RANABOLDO, C. Desarrollo rural, territorios e identidades culturales. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea. Opera, n. 7, p. 9-33, 2008.

FURTADO, C. Essencial Celso Furtado. Companhia das Letras, 2013.

FURTADO, C. Raízes do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MOTA, Carlos Renato. "As principais teorias e práticas de desenvolvimento." A difícil sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais. Rio de Janeiro: Garamond 259 (2001): 27-40.

PUTNAM, R. D. The prosperous community. The american prospect, v. 4, n. 13, p. 35-42, 1993.

SANTOS, M. Sous-développement et pôles de croissance économique et sociale. Revue Tiers Monde, p. 271 -286, 1974.

SEN, A. K. Desenvolvimento como Liberdade. 6ª reimpressão São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEN, Amartya; KLIKSBURG, Bernardo. As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. Editora Companhia das Letras, 2010.